

Joaquim Borges Meireles, passou a constituir o “terreno neutro” onde os homens de letras se encontravam. Ali tratavam de seus assuntos prediletos. Reuniam-se, assim, em confeitarias e em revistas, geralmente de duração efêmera, que serviam apenas para agremiá-los. Foi assim que surgiu, por exemplo, em 1899, a *Revista Contemporânea*, de Manuel Cardoso Júnior e Oscar Moss, dirigida por Luís Edmundo, ilustrada por Calixto, Raul Pederneiras, Amaro, Crispim do Amaral, Gil, Julião Machado, com a colaboração, entre outros, de Paulo Barreto, Luís Delfino, Cruz e Sousa, Alphonso de Guimaraens, Gonzaga Duque, Nestor Vitor, Mário Pederneiras, Lima Campos e Antônio Sales, e que durou muito, pois durou até 1901. Na província, o papel estimulador e agremiativo da revista literária assumia proporções ainda maiores. Assim aconteceu em Curitiba: “Embora ainda fosse dar esse e outros frutos tardios, logo feneceu o simbolismo que, se noutras partes não deixou raízes, ainda menos o poderia fazer aqui, dado o nosso feitio pouco imaginativo e avesso às abstrações; a sua breve floração parece se ter circunscrito ao Rio, sempre acolhedor às novidades, e ao Paraná. Talvez se deva atribuir o seu surto em Curitiba menos a alguma predisposição dos paranaenses para o subjetivismo do que à ação da revista *Cenáculo*, ao prestígio de seus principais colaboradores Emiliano e Júlio Pernetá, Dario Veloso e Silveira Neto. Coisa rara em revistas literárias, e particularmente nas do momento, o *Cenáculo* teve grande repercussão e durou três anos. Folhear-se a coleção é respirar a atmosfera da época, sensível na primazia — em quantidade e qualidade — da poesia sobre a prosa, e em frases como as seguintes: ‘A Arte que tem o seu ideal numa ronda dos sonhos pelas porcelanas do Infinito, não suporta os regimes da Escola, nem das Épocas’⁽¹⁷⁰⁾. Pouco adiante, no entanto, e em meio ainda mais estreito, João Simões Lopes Neto seria redator, em Pelotas, de *A Opinião Pública* e, ali mesmo, em outra folha, o *Correio Mercantil*, publicaria os *Casos do Romualdo*, criando alguma coisa cuja dimensão exata só a geração seguinte compreenderia em sua plenitude e significação.

Algumas figuras dessa geração curiosa, de uma fase em que imprensa e literatura se confundiam tanto — e isso, só por si, mostra como a imprensa engatinhava, não tendo criado, aqui, ainda, a sua própria linguagem e definido o seu papel específico — algumas das figuras destacadas daquele tempo desapareceram, apagaram-se, ficaram esquecidas. Uma delas foi, certamente, Emílio Rouéde. Aluizio Azevedo, na *Semana* de 27 de novembro de 1886, escreveu, a respeito de Rouéde: “Imagine-se o espírito gaulês refinado na Espanha durante oito anos; imagine-se um Tartarin depois de

(170) Lúcia Miguel Pereira; op. cit., pág. 228.